

# Apresentação do Dossiê

## **Fernando da Silva Camargo**

Professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

Os mares e rios americanos nunca foram, propriamente, serenos. Mas os eventos e processos que envolveram as lutas pela independência das américas espanhola e portuguesa deixaram essas águas turbulentas quanto à marinharia e turvas no que diz respeito ao entendimento daqueles fenômenos.

Os artigos apresentados pelos colegas, nesta edição da Revista *Navigator*, apresentam textos vinculados ao curso de grande e pequeno portes, ao papel geopolítico dos portos, às relações interpessoais e à atuação feminina, ou às formas de recrutamento. Todos esses assuntos se conectam pelo binômio marinha-independência, apresentando perspectivas inovadoras e de alto nível, desenvolvidas a partir de investigações a um só tempo densas e focadas junto às fontes documentais.

Pela influência de diferentes narrativas que seguem por aí, é corrente a romantização na cultura “histórica” popular de ideias como o corso e a pirataria, a revolta armada por uma suposta causa nobre, o papel feminino nas tomadas de decisão ou às adesões aos movimentos. Com a pesquisa histórico-historiográfica feita como deve ser, metódica e pautada na análise e/ou interpretação das devidas fontes, essas simplificações mostram-se explicações insuficientes ou equivocadas.

É possível que se sustente uma discussão interminável em torno do que seja mais importante em termos de produção de conhecimento histórico: o pequeno ângulo, o olhar do específico ou a grande angular do mundo das teorias. Entretanto, a História que mais tem capacidade de revisitar temas ou explorar o novo é aquela que está ancorada de maneira firme na investigação documental.

Então novos horizontes surgem e apresentam-se com mais clareza aos nossos olhos.

Como Cochrane, e suas andanças pelos caminhos das revoltas autonomistas americanas, angariando fama em diversos lugares. Depois da tomada ou da vitória militar, entretanto, vem a burocracia da judicialização. Os tribunais e seus ritos arrastando por longos anos as decisões sobre a propriedade das presas de guerra.

Como a função geopolítica que a atividade portuária teve nas revoltas de independência e a importância de um porto para Artigas e sua confederação.

Como os diversos matizes que envolveram a constituição do curso no Prata, especialmente naquela formação singular que foi a Confederação artiguista, que decorreu de tradições consolidadas e circunstâncias muito particulares daquele momento e lugar.

Como a apresentação do exercício diplomático de Maria Graham na costura complicada de algum acordo que pusesse fim à oposição de outra Confederação – a do Equador – com relação ao Império do Brasil.

Também, como as divergências expostas com relação à autonomia política do Brasil, exemplificadas nos processos de recrutamento de combatentes na Paraíba e na atuação e construção de identidade nesses corpos em momentos decisivos da luta pela independência.

Esperamos que os leitores, tanto generalistas curiosos, como pesquisadores especialistas, encontrem nos textos que seguem uma (ou ambas) de duas coisas: aportes importantes para suas próprias investigações ou dúvidas ou campo para o embate de ideias e estímulo ao surgimento de novas pesquisas.

Desejo uma excelente leitura a todos!